



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

FRANCISCA JOYCE SANTOS LIMA

**AS RELAÇÕES EDUCADOR-EDUCANDO NUMA PERSPECTIVA DE
DIALOGICIDADE E AFETO: CONTRIBUIÇÕES DE bell hooks E PAULO FREIRE
PARA O ENSINO REMOTO**

ORIENTADOR:
LEANDRO DE PROENÇA LOPES

ACARAPE-CE

2022

FRANCISCA JOYCE SANTOS LIMA

**AS RELAÇÕES EDUCADOR-EDUCANDO NUMA PERSPECTIVA DE
DIALOGICIDADE E AFETO: CONTRIBUIÇÕES DE bell hooks E PAULO FREIRE
PARA O ENSINO REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Leandro de Proença
Lopes

ACARAPE-CE

2022

RESUMO

O presente projeto de Pesquisa tem como objetivo compreender como uma relação de ensino-aprendizagem baseada na dialogicidade e no afeto pode contribuir para o processo de ensino remoto. Para isso, objetivamos uma pesquisa de tipo qualitativo, a ser realizada entre discentes do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, da UNILAB/CE, que tiveram acesso ao Ensino Remoto durante o período da Pandemia de COVID-19. O referencial teórico que fundamenta a pesquisa são Paulo Freire e de bell hooks, a partir de suas formulações dos conceitos de dialogicidade e afeto. Para a pesquisa de campo e seleção do público participante, daremos atenção aos marcadores das diferenças, a partir das intersecções entre raça, gênero e classe. Para a análise, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes que vivenciaram o ensino remoto durante o período de 2020-2021. Esta pesquisa busca contribuir com práticas de educação para a liberdade, situando-se no contexto das interações cada vez mais frequentes entre ensino presencial e ensino remoto.

Palavras-chave: Educação; relação educador-educando; dialogicidade; afeto; modalidade de ensino.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:.....	5
2. JUSTIFICATIVA:.....	7
3. OBJETIVOS.....	9
4. PROBLEMAS	9
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:	10
5.1 A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL FUNDAMENTAL: EDUCAÇÃO OPRESSORA E EDUCAÇÃO LIBERTADORA	10
5.2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS: INTERAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO:	12
5.3 EDUCAÇÃO LIBERTADORA: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES.....	14
5.4 ENSINO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADE DA DIALOGICIDADE E DO AFETO.	18
6. METODOLOGIA:.....	21
7. CRONOGRAMA	24
8. REFERÊNCIAS	25

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como tema Relação educador-educando: Uma perspectiva a partir da dialogicidade de Paulo Freire e do Afeto de bell hooks, como possibilidade de ser atendido no ensino remoto, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Na qual, busca-se por meio desta pesquisa compreender como o processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto pode contribuir para a relação educador-educando, tendo como referência as teorias de Paulo Freire e de bell hooks, ou seja, se seria possível uma relação positiva entre educadores e educandos baseada no diálogo e no afeto.

A pesquisa se fundamenta nos referenciais de Paulo Freire e de bell hooks, buscando essa compreensão da dialogicidade e do afeto, ao qual se pretende nesta pesquisa que será realizada na UNILAB - CE, na procura de compreender como é possível abordar as teorias da dialogicidade de Paulo Freire e do afeto de bell hooks na relação educador-educando, no ensino remoto, partindo das experiências dos alunos com essa modalidade, nos anos de 2020-2021. O recorte temporal surge, pela vivência enfrentada nos últimos dois (2) anos, em que o mundo ficou assolado por uma pandemia, na qual resultou em um isolamento social total, razão pelas qual “as instituições educacionais precisaram fechar suas portas e a grande parte dessas instituições deu continuidade às atividades por meio do ensino remoto”. (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 1). Pois, as pessoas viram-se a enfrentar um novo modelo de ensino, “embora o ensino remoto tenha sido regulamentado pelo MEC, ninguém estava preparado para utilizá-lo. Sistemas educacionais, escolas, professores, famílias e alunos tiveram que se adaptar rapidamente às aulas remotas”. (COSTA; NASCIMENTO, 2020, p. 1). Esse recorte como já explicitado desse contexto em que estávamos inseridos e que ainda estamos, porém houve uma certa flexibilização podendo ser realizadas aulas em modalidade híbrida e em modalidade presencial.

A abordagem da relação educador-educando, surge a partir da observância dos modelos de ensino, inicialmente na modalidade presencial, ou seja, observando os modelos educacionais, modelos estes que caracterizam a educação, como opressora, dominadora e antidialógica, que Paulo Freire denomina de educação bancária. E a educação que se pretende formar sujeitos pensantes, dialógicos, e que pode ser possível a partir da dialogicidade de Paulo Freire e do afeto de bell hooks, no qual ambos denominam de educação como prática da liberdade, que busca uma interação positiva entre os sujeitos.

Ademais, nesse recorte e partindo da delimitação escolhida, ensino remoto. Autores pesquisados para fundamentar este projeto, mostram a presença desses modelos de educação, ao qual apontam que a educação à distância necessita de organização particular, porém a presencial também necessita. E que em ambas as modalidades há a desconfiança de em ter educadores que trabalhem ou tenha dificuldade em trabalhar nesta perspectiva freiriana, que é frequentemente abordada.

No entanto, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, já caminha juntos as teorias de Paulo Freire, como aborda Proença (2018) pois possui experiências de universidade popular, ou seja, é possível que pessoas que teriam uma certa dificuldade de frequentar a universidade, tenha esse acesso por se tratar de uma universidade pública e que está localizada no interior, caso este da UNILAB – CE, e que encontra em Paulo Freire formulações para as características dessa educação, que,

É exatamente a dimensão pedagógica. Tal dimensão excede bastante a relação docente-discente, e está presente em todas as relações travadas em e a partir de seus espaços. E relações são apreendidas. Há uma certa arrogância paralela a uma certa subalternidade, que marca muitas das relações com o público que, pela lógica da dominação, não deveria estar presente na universidade. [...] Para quem não foi formado no âmbito dos movimentos sociais e populares, a democratização dos espaços e das relações pode ser defeituosa. Princípios freirianos como “ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho” ou “aprende-se quando se ensina e ensina-se quando se aprende” encontra na Unilab terreno fértil de significação e produção de novos sentidos e trabalhos pedagógicos. (PROENÇA, 2018, p. 343).

Daí a importância e relevância dessa pesquisa, que busca a compreensão, desses modelos e, também esse engajamento de educadores que trabalhem partindo de um ponto de vista freiriano para a realização de interações mais positivas se for o caso, como será analisado nas entrevistas que posteriormente serão realizadas. Na busca de compreender as experiências com a modalidade e se esse fator das relações teve impactos, procurando a partir delas também entender essa possibilidade, pretendida para o desenvolvimento desta pesquisa.

A análise dessa pesquisa se realizará, desde a realização de entrevistas semiestruturadas, com os educandos que vivenciaram durante o período de (2020-2021), estudando de forma remota, ao qual possam partilhar de suas vivências com este ensino.

2. JUSTIFICATIVA

O tema Educação à Distância é objeto de pesquisa das mais diversas áreas, diversos autores trabalham essa temática e possui um elevado número de pesquisas, no entanto, as contribuições para relação educador-educando, partindo da dialogicidade e do afeto não são muito discutidos. Por isso o interesse em trabalhar esse assunto, especificando a questão dessa interação. A escolha do tema partiu também da realidade vivenciada nos últimos dois (2) anos. Em que o mundo ficou assolado por uma pandemia, na qual resultou em um isolamento social total, razão pelas quais, as instituições de ensino, buscando não parar com suas atividades, optaram por continuá-las, mas de modo remoto.

E a partir daí, olhando o contexto em que estávamos e/ou vivemos durante a pandemia. Surgiu o interesse em procurar entender como lidam as relações interpessoais no ambiente escolar a partir do ensino remoto. Tendo em vista que com as aulas presenciais claramente se notava uma diferença com relação as interações entre os alunos, e aluno professor, isso porque o espaço em si já facilitava essas relações. Já com o ensino remoto, o espaço de interação limitava-se por uma plataforma de reunião. Contudo, pensei nesse tema inicialmente pelo fato de estarmos passando pela pandemia de covid-19, no qual passamos a estudar em casa, ensino remoto. Então, buscava a partir da minha pesquisa, entender como as relações entre educadores e educandos estavam baseadas durante esse ensino que se deu exclusivamente em razão da pandemia. Porém voltamos a estudar na modalidade presencial ou mesmo híbrido, isto é estudar por vezes de forma remota e por vezes presenciais. Porém continuo buscando entender as relações a partir desse modo de ensinar.

A escolha do tema partiu justamente da minha experiência com este ensino. Os alunos, inclusive eu, não ligavam a câmera, apareciam apenas as fotos, e as vezes fotos que não necessariamente era a do aluno. As câmeras só eram ligadas quando solicitado pelo professor. O fato de as câmeras não serem ligadas ou não se ter uma discussão assídua aconteciam muitas vezes também pelos ambientes em que estávamos, barulhos, internet e até por estarmos fazendo outras coisas, pois com os estudos em casa, acabávamos também juntando com atividades da casa que fazíamos ao mesmo tempo. E isso acabava dificultando as interações que são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem.

Percebe-se que o regime de ensino a distância está cada vez mais ocupando espaço na sociedade, pois com o rápido avanço das tecnologias, busca-se outras maneiras de oportunizar modelos educacionais que atenda a todos os públicos e necessidades. No entanto

ainda se mostra um desafio, no que diz respeito, as relações educador-educando, não só para as instituições, como também para os estudantes. E a partir disso, revisamos os autores Freire (1970), hooks (2013) que buscaram explicar em suas teorias, conceitos que poderiam ser utilizados para se ter uma boa relação educador-educando. Buscamos também revisar os autores Vidal (2002), Carvalho (2015) que trabalham a questão da educação à distância. O qual a segunda autora parte também das teorias de Paulo Freire. E será embasamento para abordar o modelo de ensino remoto.

Diante disso, com este trabalho busca-se compreender como o processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto pode contribuir para a relação educador-educando, tendo como referência as teorias de Paulo Freire e de bell hooks. Para isso, fizemos uma pesquisa bibliográfica, com autores que já abordaram a temática pesquisada, para termos um embasamento teórico. Buscaremos também realizar entrevistas semiestruturadas com estudantes do curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB - CE, na busca de entender suas experiências com o ensino remoto. E a partir dessas experiências, mapear caminhos para se chegar ao foco principal desta pesquisa, que é perceber se há possibilidade da relação educador-educando, partindo dos conceitos de dialogicidade e de afeto ser atendido por esse ensino.

Embora tenham muitos trabalhos sobre educação à distância, poucos autores buscaram entender de forma consistente o suficiente como a relação educador-educando, partindo da dialogicidade e do afeto e a possibilidade de ser atendido na proposta de ensino remoto. Acredito que esse trabalho tem a possibilidade de contribuir de forma positiva para o maior desenvolvimento dessa área de estudo, apesar de recorte da pesquisa ser os anos de (2020-2021) na UNILAB - CE, pretende-se que essa pesquisa contribua para uma observação sobre este ensino, possibilitando que ela seja posteriormente usada como referências para outros trabalhos sobre a temática.

Com isso, espero que esta reflexão venha a contribuir para discussões acerca da forma como essas relações possam ser atendidas no ensino remoto, e que contribuam principalmente nos âmbitos sociais como a educação, trabalho e no próprio cotidiano. Esperamos a compreensão de que as teorias apresentadas, sejam um caminho para se pensar essa relação, que busca ser sempre positiva.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

- Compreender como uma relação de ensino-aprendizagem baseada na dialogicidade e no afeto pode contribuir para os processos de ensino à distância.

3.2. Objetivos específicos

- Conhecer as teorias dialogicidade de Paulo Freire e afeto de bell hooks.
- Realizar uma revisão das teorias de Paulo Freire e bell hooks, observando como abordar a relação educador-educando, no ensino remoto, baseado na dialogicidade e no afeto.
- Verificar nessas experiências qual a possibilidade da relação educador-educando, a partir dos conceitos de dialogicidade e afeto serem atendidos no ensino remoto no contexto pandêmico na UNILAB – CE.

4. PROBLEMAS

4.1. Problema geral

- É possível, no contexto de ensino remoto, uma relação educadora-educando baseada na dialogicidade e no afeto?

4.2. Problemas específicos

- O que são as teorias da dialogicidade e do afeto?
- Como abordar as teorias da dialogicidade de Paulo Freire e do afeto de bell hooks na relação educador-educando, no ensino remoto?
- Quais as experiências dos alunos com o ensino remoto?
- Qual a possibilidade da relação educador-educando, a partir dos conceitos de dialogicidade e afeto serem atendidos no ensino remoto a partir das experiências dos alunos?

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste projeto, baseia-se nos referencias de Paulo Freire e bell hooks, pretendia-se trabalhar outras obras desses autores, porém abordamos apenas uma de ambos os autores, bem como referenciais outros autores. Está dividida em quatro tópicos. O primeiro trata sobre a educação como prática social fundamental: educação opressora e educação libertadora; o segundo sobre educação libertadora: a importância da afetividade nas relações; o terceiro sobre as relações interpessoais: interação educador-educando e o quarto sobre o ensino a distância: possibilidade da dialogicidade e do afeto.

5.1 A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL FUNDAMENTAL: EDUCAÇÃO OPRESSORA E EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A educação seja ela presencial ou à distância, é uma prática social fundamental para formação e desenvolvimento do indivíduo, que visa a formação cidadã, pois está presente tanto no âmbito escolar como também no âmbito social. Como destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). “Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Entretanto, a educação apresenta dois fundamentos, isto é, a educação dominadora, opressora, autoritária com informações a serem arquivadas. É uma educação com diálogos, práticas e informações a serem compartilhadas a partir de suas experiências, com certa liberdade de compartilhá-las. Portanto, esses dois fundamentos, educação bancária em que predominam relações autoritárias e educação libertadora onde afeto e diálogo se fazem presentes, são pontos a serem observados em nossa sociedade. Pois “a Educação não faz sentido como processo apartado da realidade socioeconômica que marca a existência humana. Em qualquer modalidade, ela é construída na dialética das condições objetivas da vida”. (CARVALHO, 2015, p. 89).

Ao longo dos tempos, a relação entre docente-discente, ou mesmo educador-educando, acontece como destaca Paulo Freire, como uma educação bancária, esta educação em que o educador é o detentor do conhecimento e os alunos são meros receptores das informações. Em que irão apenas guardá-las e arquivá-las, tornando-os dependentes do que lhe foi depositado, para assim também as reproduzir. Esta educação em que não há criticidade,

relações e troca de saberes, ou seja, uma educação dominadora, autoritária e que não possibilita o pensar crítico. Busca apenas agradar o interesse dos opressores, sobre os oprimidos para torná-los dominados, características que podem ser observadas na educação bancária.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1970, p. 33).

Paulo Freire criticou esse modo de educar e pensou em uma educação como prática de liberdade, em que se tem uma dialogicidade, conhecimento das realidades a partir de vivências e experiências de cada indivíduo envolvido nessa relação de trocas, em que a prática dialógica se torna o essencial pois:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1970, p. 45).

No entanto, o ato de educar faz com que exista uma troca de conhecimento entre o educador e o educando, isto é, há uma relação que é interpessoal, de troca de saberes, pensar crítico, experiências e mesmo visões de mundos diferentes. Pois é necessário que ambos sejam sujeitos conhecedores de suas realidades, e possibilitando que tanto o educador, quanto o educando possam construir suas próprias histórias, tendo em vista que “A educação autêntica, repetamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele”. (FREIRE, 1970, p. 48).

Entretanto, como já bem desenvolvido anteriormente, essa educação que busca não ser dominadora, opressora, mas que propõe uma libertação dessas práticas, e que busca uma relação interpessoal. Com interações entre os envolvidos, pois somente assim, pode-se construir uma educação com conhecimentos enriquecedores e com práticas libertadoras, ao qual estes se tornam papéis indispensáveis dos educadores.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua *situação* no mundo, em que se constitui (FREIRE, 1970, p. 49).

Portanto, a prática dialógica entre educadores e educandos é fundamental na

interação entre esses sujeitos, tendo em vista que, o diálogo é essa interação positiva, uma relação em que todos que estão envolvidos sejam igualmente respeitados em sua diversidade. Pois é esse o fundamento básico dessa proposta dialógica, de Freire. em que,

O diálogo freiriano é um processo dialético-problematizador. Preferencialmente, mas não exclusivamente, requer que os sujeitos, juntos, se voltem ao mundo para pronunciá-lo, reforçando o caráter coletivo do *estar* e construir o mundo, em comunhão. A Educação não é solitária, pelo contrário, exige co-laboração, tal qual a cidadania que se constitui e se fortalece no coletivo, no exercício democrático de pronunciar outras condições para que os sujeitos se realizem como seres humanos, reivindicar e contribuir com outra realidade que não se encerre no criado pelo poder de mercado. (CARVALHO, 2015, p. 62).

Contudo, a dialética pretende esse proferir do mundo, a coletividade que é essencial para a construção do mundo. Pois não há diálogo sem interação, e sendo assim também não há educação, e conseqüentemente cidadania, pois estas são dependentes desses fatores e ambas estão interligadas.

5.2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS: INTERAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO

Abordando essa relação, educador-educando, que parte da discussão das relações interpessoais, isto é, a interação que acontece entre as pessoas, e que podem ser tanto positivas, como negativas. Pois as relações que temos ou presenciamos, sofreram alterações das que eram praticadas antes, pois isso a necessidade de conhecermos um pouco desse processo, partido de perspectivas.

Nessa perspectiva, fica evidente a necessidade de conhecermos melhor o papel das relações interpessoais hoje e isto se justifica por algumas razões. Em primeiro lugar, a nossa ideologia modificou as formas de relação existentes entre indivíduos: é cada vez menos comum julgar as pessoas como sendo coisas - tal como ocorria no caso extremo do escravo - ou apenas como representantes de um papel - como ocorria, no caso também extremo, do nobre ou do senhor -, e passamos a julgar os outros pelo que são, isto é, como indivíduos, como humanos. De outro lado, nossa vida passa a depender, cada vez mais, de relações interpessoais, e se torna cada vez menos dependente de uma relação direta com a natureza, tal como ocorria com o agricultor tradicional, pois o agricultor atual também se integra no sistema contemporâneo de produção e de relação com os outros. (SILVA, 2008, p. 15).

Entretanto, buscamos entender essas relações na educação, isto é, na escola, ambiente em que se encontra uma grande diversidade entre os indivíduos. Nesse ambiente elas irão interagir, partindo de suas experiências, mas sabendo perceber e acolher as experiências e diversidade das pessoas ao seu redor. Esse entendimento de saber lidar com a diversidade, não

só no ambiente escolar, mas em todos os âmbitos, onde há convívio e interação com os outros, entendendo que:

Embora nas escolas existam inúmeros problemas a serem analisados, dois podem ser isolados, cuja importância e amplitude superam as dos outros: a educação como processo de formação, tendo por base as relações interpessoais; a educação como processo de preparação para relações interpessoais. Mesmo sendo distintos, os dois problemas são inter-relacionados. O primeiro diz respeito ao entendimento da importância das relações interpessoais satisfatórias para a educação individual; o segundo procura explicitar as relações interpessoais a fim de que o educando possa estar preparado para enfrentá-las satisfatoriamente. (SILVA, 2008, p. 16).

Contudo, as experiências com as relações interpessoais partindo do meio escolar, é uma maneira de preparo que deve partir não somente dos educadores sobre os educandos, mas de todos os envolvidos nesta relação. Tendo em vista que dependemos dessa interação, que é fundamental para a formação, e que basicamente, se busca na escola, local determinado para a formação cidadã.

Dessa forma, ambos nos fazem ver que a nossa formação como indivíduo depende de relações interpessoais, e que o educador precisa conhecer a sua significação para o educando e, por outro lado, o educador, também, deve saber que grande parte de nossa vida decorre num universo de relações interpessoais que e as grandes dificuldades de ajustamento se explicam como resultado de um despreparo para viver com os outros. (SILVA, 2008, p. 16).

A presença do professor é fundamental na formação dos educandos, mas que essa formação só pode ser concretizada de fato se houver uma interação social positiva, pois essa formação depende das relações interpessoais. Relações essas que são importantes para a formação pessoal do indivíduo e para o processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é a principal função social da escola, para a qual o professor em sala de aula é de suma importância. Porém, não podemos ignorar que acontecem várias ações educativas nos diversos ambientes da escola, onde o educando não convive só com seus professores e, para que haja um ambiente educativo e formador, é necessário que todos participem direta ou indiretamente, influenciando no desenvolvimento da criança. Assim, podemos afirmar que existem muitos outros atores que ficam por trás das cortinas e que fazem toda diferença para que o espetáculo seja aplaudido de pé. (SILVA, 2008, p. 12).

Portanto, entendendo esses processos das relações interpessoais na escola, da interação entre educadores e educandos. É necessário perceber também a presença de outros atores também fundamentais nesse processo, que não participam diretamente, mas que também contribuem de forma significativa para o processo de formação dos indivíduos, tornando-os preparados e capazes de lidar com as diversidades e com as diversas interações cotidianamente.

5.3 EDUCAÇÃO LIBERTADORA: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES

Além da dialogicidade, que tem sua importância para que se tenham uma boa relação interpessoal, é preciso que o ser humano constitua sua personalidade de modo conciso. Sendo necessário que em seu processo de aprendizado tenha a presença da afetividade, pois que esse processo contribui de forma positiva no âmbito familiar e educacional. Necessária em todas as fases da vida, porque a afetividade é um pré-requisito da aprendizagem, em especial a escolar, fundamental nas relações interpessoais. Com isso, observa-se que é necessário que haja uma relação de troca e confiança entre aluno e professor, para se construir um espaço de aprendizagem que seja proveitoso.

Pode-se afirmar que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, há uma rede que entrelaça alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita etc. que não acontece puramente no campo cognitivo. (NASCIMENTO, 2021, p. 2).

Ademais o ambiente educacional deve ser um local em que os educandos se sintam de certa forma acolhidos, seres pensantes e que se sintam estimulados para expor suas opiniões, e sintam-se também apoiados pelo educador. No qual ambos possam ter uma relação de empatia e respeito, que será fundamental para a troca de saberes, experiências, e conseqüentemente para a aprendizagem, pois, essas questões devem ser consideradas.

Levando em consideração que, quando o aluno passa a ser alvo da empatia do educador, começa a se sentir amado, querido e respeitado, o que levará ao desejo de aprender, pois o mesmo será estimulado positivamente por seu professor e poderá responder de forma satisfatória ao estímulo que lhe foi dado. (NASCIMENTO, 2021, p. 4)

bell hooks (2013) partilhando da mesma criticidade de Paulo Freire, em relação a pedagogia exercida pelos educadores. Educação esta que se caracteriza por apresentar uma relação de dominação e que se baseia no poder dos opressores sobre os oprimidos, isto é, o conhecimento dos educadores sobre os educandos. Portanto, criticando essa forma de educar, hooks pensa também na prática da dialogicidade, o diálogo, palavra, troca de vivências, para que haja uma relação em que todos sejam contemplados e se sintam participantes.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, professores acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela

reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças. (hooks, 2013, p. 174).

Para a construção de seu pensamento e criticidade hooks se inspirou no pensamento de Paulo Freire e em professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado. Essa transgressão possibilita que os educandos não sejam meros receptores, mas que eles irão querer e exigir mais de seus educadores, não aceitando assim, apenas sua orientação e possibilitando desta forma uma educação transgressora e transformadora.

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo. (hooks, 2013, p. 25).

O ato de educar como uma prática libertadora, ou mesmo uma pedagogia engajada, necessita que os educadores criem práticas pedagógicas que envolvam os educandos, para que estes possam assumir suas escolhas. É preciso esse encorajamento aos educandos para assim conquistarem sua liberdade, ou melhor para que se efetive de fato uma boa relação interpessoal entre educadores-educandos, uma relação que parte do diálogo e partilha de conhecimentos.

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. (hooks, 2013, p. 35).

Portanto, esse modelo educacional busca possibilitar que a relação educador-educando, seja uma relação que permita que os educandos assumam responsabilidades por suas escolhas. Mas que ambos em uma relação interpessoal, dialógica, participativa, possa facilitar e possibilitar um ambiente favorável para essa partilha e consciência de responsabilidades, pois “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora.” (hooks, 2013, p. 56).

A sala de aula não é um local apenas de transmissão de conhecimentos, em que se tem o docente atrás de sua mesa, ou a frente de sua classe, mas de interações, relações, onde todos são convidados a partilhar, e o docente é o mediador dessa relação, pois sua função é “não

simplesmente transmitir informação ou fazer declarações, mas trabalhar com as pessoas”. (hooks, 2013, p. 181). Trabalhar com realidades diferentes que precisam ser conhecidas e compreendidas. E para romper com a percepção de que somente o docente é detentor do conhecimento válido de ser apreendido.

Quando você sai da tribuna e caminha, de repente o seu cheiro, o seu jeito de se movimentar ficam evidentes para os alunos. Além disso, você leva consigo um certo tipo de potencial, embora não seja garantido, para um certo tipo de relação face a face e de respeito por "o que eu digo" e "o que você diz". O aluno e o professor olham um para o outro. E quando nos aproximamos fisicamente, de repente o que digo não vem mais de trás dessa linha invisível, dessa muralha de demarcação que implica que tudo o que vem deste lado da escrivania é ouro, é a verdade, ou que tudo o que se diz fora de lá é algo que eu tenho de avaliar, que minha única reação possível é dizer "muito bem", "correto" e assim por diante. (hooks, 2013, p. 185).

Esse rompimento torna-se necessário pois a sala de aula é um local para partilhar histórias, vivências, mas um ambiente também de construções e desconstruções de pensamentos. Entender que há vários sujeitos da e na história, pois “se os professores levam o corpo discente a sério e têm respeito por ele, são obrigados a reconhecer que estamos nos dirigindo a pessoas que fazem parte da história”. (hooks, 2013, p. 186). Pois,

Todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros. Reconhecendo a subjetividade e os limites da identidade, rompemos essa objetificação tão necessária numa cultura de dominação. (hooks, 2013, p. 186).

No entanto, o rompimento dessas práticas como o experimento de outras, embora sejam necessárias, pode não ser bem aceita pelos discentes, tendo em vista que, “o impulso de experimentar práticas pedagógicas pode não ser bem recebido por alunos que frequentemente esperam que ensinemos da maneira com que eles estão acostumados”. (hooks, 2013, p. 191). Esse costume com as práticas dominadoras, opressoras, em que o docente é o único detentor do conhecimento, faz com que,

Quando tentamos mudar a sala de aula para promover a noção de uma responsabilidade recíproca pelo aprendizado, os alunos ficam com medo de que você deixe de ser o capitão que trabalha com eles e passe a ser apenas, no fim das contas, mais um membro da tripulação - aliás, um membro não muito confiável. (hooks, 2013, p. 192-193).

Os modos de ensino-aprendizagem, para uma prática libertadora, passam realmente por uma desconfiança, tendo em vista que, a educação opressora é ainda vigente e não permite essa relação direta do educando e educador. Por isso quando se pretende essa liberdade de relações há uma certa desconfiança, mas que tem que ser superada, e essa liberdade de fato

praticada, permitindo a interação entre ambos, que se torna essencial para reconhecer não somente a presença e o conhecimento do educador, mas também dos outros ao seu redor. Para isso bell hooks, partilha essa sua experiência:

Ainda me lembro do entusiasmo que senti quando *assisti* à primeira aula em que o professor quis mudar nosso modo de sentar, em que em vez de sentar em fileiras nós fizemos um círculo onde podíamos olhar uns para os outros. Essa mudança nos obrigou a reconhecer a presença uns dos outros. (hooks, 2013, p. 195).

A sua experiência, mostra também a importância dessa prática libertadora em sala de aula, não é somente reconhecer a presença, mas com entendimento da necessidade de escutar o que os outros tem a nos falar. Suas experiências contribuem bastante para reafirmar o quão necessário é praticar esse modelo educacional, pois estamos partindo de experiências concretas, vivenciadas e compartilhadas, ou seja,

Quando alguém fala desde o ponto de vista das suas experiências imediatas, algo se cria para os alunos na sala de aula, às vezes pela primeiríssima vez. O enfoque da experiência permite aos alunos tomar posse de uma base de conhecimento a partir da qual podem falar. (hooks, 2013, p. 198).

O compartilhamento de experiências permite que as relações sejam fortalecidas, em que há um sentimento de confiança em se partilhar, pois percebe que há algo que precisa ser partilhado e que acabará por servir de apoio para que outros venham a falar também, criando esse espaço de diálogo, partilha, troca de experiências e aprendizados. hooks busca mostra essa importância a partir de seus trabalhos.

Tento mostrar em meus livros o quanto meu trabalho é influenciado pelo que os alunos dizem na sala de aula, pelo que eles fazem, pelo que me expressam. Cresço intelectualmente ao lado deles, desenvolvendo um entendimento mais nítido de como partilhar o conhecimento e de o que fazer em meu papel participativo com os alunos. Essa é uma das principais diferenças entre a educação como prática da liberdade e o sistema conservador de educação bancária que encoraja os professores a acreditarem, do fundo do seu ser, que eles não têm nada a aprender com os alunos. (hooks, 2013, p. 204).

Essa importância de mostrar como o trabalho é influenciado pela contribuição e interação ativa de todos, contribui para reforçar que todos podem e tem o direito de expressar e apresentar seus conhecimentos, para que assim, possa ser possível construir didáticas, que despertem a imaginação do educando e que ele se veja e sinta-se parte desse processo.

Os materiais didáticos devem promover a curiosidade, a criatividade, o questionamento. A exposição do professor não se apresenta como uma pura transferência de conhecimento de quem sabe, mas como estímulo, desafiador, gerador

de desdobramentos, ou seja, do estudo conjunto, professor e educandos, em torno do objeto, de forma curiosa – uma curiosidade rigorosa, epistemológica. A dialética, como método, promove o desvelamento e as contradições do objeto/mundo em estudo e da situação existencial dos sujeitos. (CARVALHO, 2015, p. 67).

Apesar da presença do educador ser de valiosa importância na sala de aula, essa importância não deve ser tratada, como se este fosse o detentor do conhecimento. Visto que ele é o mediador, em sala ao qual deve procurar atender a promoção de um espaço interativo entre os sujeitos, promovendo a dialética que é fundamental.

5.4 ENSINO A DISTÂNCIA: POSSIBILIDADE DA DIALOGICIDADE E DO AFETO

A educação à distância, isto é, “[...] quando educador e educando estão separados por uma distância física, e é usada tecnologia para fazer a “ponte” entre os dois” (VIDAL, 2002, p. 19). E que se mostra uma plataforma de ensino-aprendizagem, que mencionado anteriormente tem entre seus fins a formação para a cidadania, pois “a educação à distância é um recurso de incalculável importância, como modo apropriado para atender a grandes contingentes de formandos de forma mais efetiva que qualquer outra modalidade, e sem grandes riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos”. (VIDAL, 2002, p.19). Esse regime tem entre suas pretensões formar educandos a partir de modelos específicos, os quais,

De modo geral, a literatura de EaD se refere a modelos colaborativos, aos baseados em comunicação de massa, com foco no professor ou no conteúdo, com muita ou nenhuma interação, com encontros presenciais e/ou on-line, alguns têm material impresso, outros totalmente on-line e ainda com CD/DVD [...] (CARVALHO, 2015, p. 84).

A plataforma a distância, no qual oportuniza essa comunicação, aprendizagem em massa, está cada vez mais ocupando espaço na sociedade. Pois com o rápido avanço das tecnologias, busca-se outras maneiras de oportunizar modelos educacionais que atenda a todos os públicos e necessidades, entretanto,

É inegável que o campo passa por um momento de grandes mudanças por conta da apropriação cada vez maior de tecnologias digitais pela humanidade. Estaríamos gestando práticas educativas ampliadas, conectivas, para o bem e o mal dos seres e do planeta. Qualquer educador comprometido com uma Educação emancipadora precisaria assumir o risco de participar deste momento histórico para ensinar-aprender. (CARVALHO, 2015, p. 80-81).

Neste trabalho, não se busca comparar os ensinos, presencial e a distância, pois assim necessitaria colocá-las em um contexto maior, para que assim fossem feitas críticas, quanto a qualidade de ensino, ou seja, suas vantagens e desvantagens. Porém não buscamos essa comparação, mas o entendimento de que, “a Educação não faz sentido como processo apartado da realidade socioeconômica que marca a existência humana. Em qualquer modalidade, ela é construída na dialética das condições objetivas da vida”. (CARVALHO, 2015, p. 89). Pois, as duas maneiras de ensinar, isto é, a distância e presencial, requerem organização particular que atenda às suas necessidades.

A Educação a Distância demanda estratégias distintas da sala de aula presencial, com mais ênfase na utilização de tecnologias e, por isso, enfrenta desafios pertinentes à formação que podem não ser os mesmos ou ter uma abordagem diferente dos encontrados presencialmente. (CARVALHO, 2015, p. 90).

No entanto, a utilização da expressão educação a Distância, neste projeto, tem por finalidade, ou busca compreender um contexto maior para se pensar o ensino remoto como um processo de ensino-aprendizagem, baseando-se na dialogicidade e no afeto. Conceitos que estão sendo abordados para se pensar em uma educação não opressora, e que busca uma relação dialética entre os sujeitos. Entretanto, não se pretende estabelecer que a modalidade presencial atenda a esse modelo, mas utilização do regime remoto é somente pelo recorte dado a este trabalho, que busca essa compreensão baseada nesse modo de educar.

Educar em uma perspectiva emancipatória independe de modalidade, mesmo porque, em um futuro próximo, elas tendem a convergir. Mas já hoje precisamos ecoar que Educação a Distância é Educação. Por mais óbvio que possa parecer, não é uma outra coisa, a EaD. No entanto, há muitas Educações desenvolvidas a distância; isto, sim, precisaria ser observado. (CARVALHO, 2015, p. 81).

Portanto, essa educação emancipatória, dialógica, ou mesmo libertadora, como é frequentemente colocada, não apenas nesse ensino escolhido, mas na educação como um todo. Deve propiciar que “os conteúdos da Educação Libertadora relacionam o específico e o geral, articulam a realidade existencial dos educandos e professores aos definidos pelo currículo que, sempre que possível, deve ser fruto de um processo democrático”. (CARVALHO, 2015, p. 65). Onde todos participem, que deem voz, e que suas vozes sejam ouvidas, pois essa é a premissa “para uma Educação Emancipadora, a conversação entre os sujeitos é condição primária, mas não suficiente. Seria necessário observar sua “qualidade”, ou seja, sob quais características esse diálogo é realizado ou deveria ser buscado”. (CARVALHO, 2015, p. 124). Contudo, esses pontos devem ser levados em consideração, pois “o diálogo-dialético, condição para uma

Educação emancipadora, não seria possível apenas a partir do encontro de sujeitos em um mesmo espaço físico; nem exclusivo à sincronicidade da fala imediata”. (CARVALHO, 2015, p. 92). Então essa consideração já mencionada anteriormente deve ser avaliada e assumida.

A qualidade em que a dialogicidade é realizada, pressupõe, que nem todos podem fazer uso da palavra, ou seja, falar. Pensa-se que há uma maneira adequada de se pronunciar, que apenas as pessoas que possuem essa maneira, podem e devem fazer suas vozes e serem ouvidas. Mas para essa educação ao qual estamos tratando e que a sua busca é por uma libertação, emancipação desses pensamentos e modelos. Buscamos assim um comprometimento que se tem com,

uma Educação comprometida com a emancipação exige o desenvolvimento de formações mais humanizadoras e menos instrumentais. Importa que os profissionais ajam de acordo com valores e objetivos que buscam desenvolver com os educandos. Importam a qualidade da participação e do diálogo, o trabalho coletivo, a reflexão-ação enraizada na realidade. (CARVALHO, 2015, p. 141).

Contudo, o que se busca é o comprometimento de fato, uma busca por essa liberdade. Na qual se pretende uma transformação, uma formação que transforma não só os educandos, mas também os educadores, partindo da interatividade entre ambos, para que assim essa prática transformadora seja adquirida, não dependendo de um ensino específico. Pois,

o acesso a informações e o diálogo, assim como a oportunidade de vivenciar experiências democráticas, são elementos mobilizadores dessas transformações e independem de modalidade. Aliás, considerando a existência de tecnologias cada vez mais elaboradas para promover o diálogo entre os sujeitos e o acesso a conteúdos, não haveria razões para acreditar que a modalidade a distância não possa promovê-la. Não é fácil nem há certezas de sucesso em se tratando de formação humana, mas é imprescindível não compactuar com o determinismo que se opõe à essência da Educação, que é justamente a transformação. (CARVALHO, 2015, p. 143).

Entretanto a busca da transformação, da relação positiva e da interatividade é o foco que se procura alcançar, para de fato ter uma educação para a emancipação dos sujeitos. Que pressupõe que “não é a modalidade que permitirá ou não a realização de uma Educação emancipadora, mas o sucesso na concretização de certas condições”. (CARVALHO, 2015, p. 195). Essas colocações podem ser percebidas e realizadas também, com foco em um dos principais conceitos, que são fundamentais para a relação positiva que se pretende na educação, pois,

o diálogo é o que sustenta essas e as outras condições, pois é premissa básica e cara a uma Educação emancipadora. A esse respeito, problematizamos a qualidade das interações a distância entre educadores e educandos e defendemos o *diálogo mediatizado pelo mundo* para o processo de *conscientização*. Sob a razão dialética, trata-se de um diálogo que desequilibra e busca as contradições do objeto para melhor

compreendê-lo. Não está comprometido em apenas “esclarecer dúvidas”, no sentido de homogeneizar os conhecimentos, mas de colocar sob tensão aquele desenvolvido no cotidiano dos estudantes e o sistematizado pelas ciências. O educador a distância não é mediador, portanto, mas um provocador dessas tensões, redescobrendo junto com o estudante o objeto na sua relação com o mundo, com vistas a transformá-lo. (CARVALHO, 2015, p. 194).

A partir das ideias dos autores, pode-se perceber que essa possibilidade de diálogo e afeto, mesmo com avanços e propostas ainda é um desafio enfrentado não somente na modalidade presencial, mas também à distância, na qual buscamos entender nesse regime, partindo de todo contexto já explicitado no decorrer desta pesquisa. Portanto, este trabalho pretende e se sustenta na discussão, da necessidade de ter uma dialogicidade na educação. Pretende-se não só essa dialética, mas também a afetividade que surge muito dessa interação, que parte do diálogo, ou seja, ambos estão em sintonia, dependente um do outro. Mas que a concretização dessas hipóteses só será atendida com a prática dessa pesquisa, ao qual serão atendidos os seus objetivos, e enfim a sua concretização de fato. Pois assim estará fundamentada em dados concretos.

6. METODOLOGIA

O presente projeto é fruto de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2007) realiza-se partindo de fontes já pesquisadas anteriormente, que podem ser livros, artigos teses, isto é, de teorias já pesquisadas e registradas. visto que, “a maioria das pesquisas realizadas hoje indica uma grande quantidade de produções acadêmicas” (TREINTA, 2014, P. 509). E porque partimos das teorias de Paulo Freire e de bell hooks.

No entanto, essa pesquisa será desenvolvida com método qualitativo, isto porque, “como alternativa, pode-se escolher uma abordagem qualitativa porque os participantes em questão seriam difíceis de serem atingidos mediante os métodos quantitativos”. (FLICK, 2013, p. 93), então a busca de realizar através desse método, baseando-se na pesquisa exploratória que “[...] busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”. (SEVERINO, 2007, p. 123). No qual nos permitirá atingir o objetivo pretendido e consequentemente facilitar uma abordagem qualitativa de coleta dados aberta, análise e interpretações. Se dará através de entrevistas semiestruturadas com estudantes que passaram por esse período, como recorte do trabalho, pelo ensino remoto, e sobre quais as suas experiências com este ensino.

A investigação irá se fundamentar em encontros na UNILAB – CE, com os participantes, os quais serão estudantes do curso de Bacharelado em Humanidades, que tiveram experiências com o ensino remoto, os estudantes serão selecionados, por idade de 18 a 25 anos e definidos a partir de marcadores da diferença, como gênero, pensar também a interiorização, ou seja, selecionar estudantes internacionais e brasileiros da cidade e dos interiores. Estes estudantes serão entrevistados através de uma entrevista semiestruturada, isto é, com algumas questões, mas que podem ser reformulas ou acrescentado dependo das respostas dos entrevistados, que terão livre espontaneidade para desenvolver suas respostas, não se limitando a responder à pergunta apenas.

Para as entrevistas semiestruturadas, são preparadas várias perguntas que cobrem o escopo pretendido da entrevista [...]. o objetivo da entrevista é obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema. Por isso, as questões devem dar início a um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (FLICK, 2013, p. 115).

A referida pesquisa será realizada num local reservado, isto é, em uma das salas do campus dos Palmares. Para a realização da pesquisa os entrevistados participantes, deverão assinar termo de consentimento, para que as informações coletadas possam ser utilizadas na pesquisa.

As informações obtidas na entrevista, que não possuem relação com o tema serão desprezadas, visto que é necessário um filtro na pesquisa, pois não tem como utilizar tudo da pesquisa, e como se trata de uma pesquisa semiestruturada, em que se pode falar livremente, algumas informações não fazem necessariamente parte da investigação.

As categorias de análise da presente pesquisa serão definidas após a apuração dos dados coletados, a partir da posse dessas entrevistas, em que será feita uma transcrição literal. Após essa transcrição, serão lidas, para a compreensão do que foi abordado pelo entrevistado. Depois realizar-se-á a separação do que irá para a pesquisa, ou seja, será feito o filtro, colocando apenas o que se tem como objetivo. E posterior sucederá a organização e o mapeamento de todas as entrevistas realizadas, realizando novamente a leitura e filtrando informações, para selecionar somente as categorias que responderiam às questões e o objetivo da pesquisa.

7. CRONOGRAMA

ATIVIDADE	2021.1	2021.2	2022.1	2022.2
REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA	X	X		
ELABORAÇÃO DE PERGUNTAS ABERTAS E FECHADAS DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS			X	
ORGANIZAÇÃO/APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS			X	
COLETAS DE DADOS			X	
ANÁLISE DOS RESULTADOS				X
INTERPRETAÇÃO E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS				X
REVISÃO				X
ELABORAÇÃO DOS RELATÓRIOS				X

8. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Jaciara de Sá. Educação cidadã a distância: uma perspectiva emancipatória a partir de Paulo Freire. 2015.

COSTA, Antonia Erica Rodrigues; NASCIMENTO, Antonio Wesley Rodrigues. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. In: **VII Congresso Nacional de Educação–Conedu**. 2020.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

hooks, bell. Introdução. In: hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PROENÇA, Leandro. Sob o signo de Paulo Freire: considerações acerca do projeto de universidade popular. Construindo Pontes : Paulo Freire entre saberes, projetos e continentes. In Elaine Ferreira Rezende de Oliveira ; Larissa Oliveira e Gabarra; Leandro Proença (Orgs.). Fortaleza: edUECE, 2018

SEVERINO, Antônio Joaquim, Metodologias do trabalho científico, 23. Ed. rev. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Elaine Aparecida. Relações interpessoais no ambiente escolar. **Extensão, Uberlândia**, v. 7, n. 2, p. 10-18, 2008.

TREINTA, Fernanda Tavares et al. Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. **Production**, v. 24, p. 508-520, 2014.

VIDAL, Elisabete. Ensino a distância vs ensino tradicional. **Universidade Fernando Pessoa, Porto**, 2002.